

Somos transformados de glória em glória (2Co 3,18) - Um capítulo de Teologia da Cruz, em Paulo

We all are changed from glory to glory (2 Cor 3,18) - A chapter Theology of the Cross, in Paul

Martin Timóteo Dietz¹

Resumo: O artigo se propõe a interpretar 2Cor 3,18, considerada, na literatura especializada, como uma entre as de mais difícil compreensão entre os escritos paulinos. Objetivo da empreitada é verificar se e como a mencionada passagem pode ser interpretada como parte integral da “teologia da cruz” que perpassa a correspondência de Paulo à comunidade de Corinto. Nesse intuito, o artigo dialoga com aqueles que parecem ser os contextos literários mais importantes de 2Cor 3,18: (1) a apologia apostólica de 1Cor 2,14-7,4; (2) 1-2Cor, em seu conjunto; (3) Êx 33-34 como pano de fundo bíblico e inspiração para a metáfora do espelho usada por Paulo em 2Cor 3,18. Diante desses contextos, é possível perceber que a referência à glória, em 2Cor 3,18, não é uma espécie de “ponto fora da curva”, mas legítima ilustração da mensagem da cruz anunciada por Paulo.

Palavras-chave: Cruz; Paulo; 2Coríntios 3,18.

Abstract: The article purposes to interpret 2 Corinthians 3,18, considered by specialized literature one of the most difficult to comprehend Pauline writings. The objective of the undertaking is to verify whether and how the mentioned passage can be interpreted as an integral part of the “Theology of the Cross” ubiquitous to Paul’s correspondence to the community of Corinth. In this endeavour, the article enters the dialogue with what seems to be the most important literary contexts of 2 Corinthians 3,18: (1) the apostolic apology of 1 Corinthians 2,14-7,4; (2) 1-2 Corinthians in total; (3) Exodus 33-34 as a scriptural background and inspiration for the mirror metaphor used by Paul in 2 Corinthians 3,18. Regarding these contexts, it is possible to perceives the reference to the glory in 2 Corinthians 3,18 not as a kind of “point outside the curve”, but as a legitimate illustration of the message of the Cross announced by Paul.

Keywords: Cross; Paul; 2 Corinthians 3,18.

¹ Doutor em Teologia pela Universidade Erlangen-Nuremberg (Alemanha). Integrante do Grupo de Pesquisas “Identidades e Sociabilidades Religiosas Contemporâneas” (Faculdades EST; São Leopoldo/RS). Pastor na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9153-3774>.

Observações iniciais

A literatura especializada costuma destacar a centralidade da “palavra da cruz” em 1Cor. Em 2Cor, por sua vez, o apóstolo Paulo defende seu ministério contra suspeitas e até acusações que são levantadas contra ele. Para isso, destaca a própria fragilidade, no intuito de demonstrar seu pertencimento a Cristo, o crucificado. O presente artigo discorre, em um primeiro momento, a respeito desse duplo aspecto da “teologia”² da cruz, com o objetivo de demarcar o horizonte no qual insere a análise de 2Cor 3,18, a questão principal do presente artigo.

2Cor 3,18 (e 2Cor 4,4.6) chama especial atenção pelo fato de, em meio a todo o destaque que Paulo dá às suas limitações enquanto testemunha do evangelho, afirmar uma existência gloriosa das pessoas que pertencem a Cristo. Objetivo do artigo é demonstrar que 2Cor 3,18 não é uma espécie de ponto fora da curva que, por um instante que seja, se distancia da ou até nega a mensagem da cruz anunciada – em palavras e por meio da existência – pelo apóstolo Paulo, mas configura adequada reflexão e expressão dessa “teologia da cruz”. Para tanto, será dada especial atenção à metáfora do espelho que o apóstolo utiliza no versículo mencionado.

Num último momento, quase que como anexo, o artigo se volta a um terceiro contexto de 2Cor 3,18 – ao lado (1) da inserção da passagem no conjunto de 1-2Cor e (2) da integração à apologia apostólica apresentada em 2Cor 2,14-7,4 –, constituído por Êx 33-34, onde Paulo encontra o exemplo de Moisés, que serve de contraste com Cristo e o evangelho. Com isso, objetiva-se alertar contra o perigo de se isolar a perícopa Êx 34,29-35, expressamente utilizada por Paulo, do seu contexto, tirando, assim, desses sete versículos a “caixa de ressonância” que faz ecoar o pensamento do apóstolo. A observância do conjunto dos dois capítulos Êx 33-34, e não somente de Êx 34,29-35, parece reforçar a compreensão da metáfora do espelho, de 2Co 3,18, proposta no presente artigo.

1. 1Cor como Teologia da Cruz de Cristo; 2Cor como Teologia da Cruz da pessoa cristã

“Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, ela é poder de Deus” (1Cor 1,18). Ninguém que já tenha

² O apóstolo fala da “palavra” da cruz (cf. 1Cor 1.18), indicando o contexto missionário-querigmático-catequético em que emprega a expressão. A referência a “teologia da cruz”, entre aspas, quer indicar, aqui, a consciência de que a reflexão teológica sobre a referida mensagem constitui um exercício de abstração e sistematização que não é idêntico ao testemunho a respeito da cruz, embora - supõe-se - com ele esteja comprometido.

lido aquela que no cânon bíblico é a primeira epístola do apóstolo Paulo à comunidade de Corinto ignora a força e a importância da afirmação apostólica citada para o conjunto do seu ministério e, no longo prazo, para a Igreja e a Teologia Cristãs em seus, entretanto, dois milênios de existência. A literatura especializada é unânime em declarar aquilo que se convencionou chamar de “teologia da cruz” como tema fundamental de 1Cor e mesmo do todo do testemunho de Paulo, ainda que as consequências dessa premissa para a interpretação de 1Cor possam variar. Afinal, a mensagem a respeito do amor (1Cor 13) ou da ressurreição (1Cor 15) são igualmente essenciais ao testemunho evangélico, de modo que se coloca, de contínuo, a pergunta pela adequada relação entre esses e outros temas, em 1Cor e fora dela, que ainda possam ser abordados³.

Petr Pokorný e Ulrich Heckel consideram a declaração apostólica sobre a “palavra da cruz”, em 1Cor 1,18, como sendo não apenas afirmação de um tema importante, entre outros, mas a “tese central” - similar a Rm 1,16 -, “fundamental para o conjunto da epístola”⁴; portanto, como fio vermelho que a perpassa e norteia a reflexão apostólica. A título de esclarecimento, observado seja que a “cruz” à qual aqui se faz referência é o madeiro carregado por Jesus de Nazaré, ao qual foi pregado em uma sexta-feira, num dia 14 ou 15 de Nissan, por volta do ano 30 d.C.⁵. Como interpretação preliminar dessa mensagem a respeito da cruz de Cristo – com a qual o apóstolo Paulo está comprometido “somente” (cf. 1Cor 2,2) – Pokorný; Heckel sugerem: “Deus apoia o ser humano não em seu poder exterior, antes vem a ele em sua [sc. de Deus] fraqueza”, manifestando “sua sabedoria e sua força na ressurreição do crucificado”, por meio da qual “venceu o poder da morte”⁶. O paralelismo entre “fraqueza” e “cruz”, ou melhor, fraqueza como expressão da cruz haverá de nos ocupar, ainda, na sequência do presente artigo.

³ NIEBUHR, Karl-Wilhelm. Die Paulusbriefsammlung. In: NIEBUHR, Karl-Wilhelm (ed.). *Grundinformation Neues Testament*. Eine bibelkundlich-theologische Einführung. Em colaboração com Michael BACHMANN et al. 5ª ed. retrabalhada e atualizada. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2020. UTB 2108. p. 216-234 destaca a importância da mensagem da cruz, sem, no entanto, lhe conferir proeminência isolada; antes, considera cruz e ressurreição como dois eixos simétricos, em torno dos quais Paulo reflete os demais temas que são discutidos em 1Cor. Entre as ênfases teológicas de 1Cor e 2Cor Niebuhr não menciona a cruz, mas “a velha e a nova aliança” (2Cor 3-4) e a ressurreição dos mortos (1Cor 15; 2Cor 5).

⁴ POKORNÝ, Petr; HECKEL, Ulrich. *Einleitung in das Neue Testament*. Seine Literatur und Theologie im Überblick. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. p. 231. Traduções (do inglês e do alemão) ao longo do texto: M.D.

⁵ Para uma discussão em torno da data exata da morte de Jesus cf. STUHLMACHER, Peter. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 1: *Grundlegung; Von Jesus zu Paulus*. p. 54-57.

⁶ POKORNÝ; HECKEL, 2007, p. 231-232.

Se, essencialmente, a “cruz” é percebida como o ou um tema central de 1Cor, que dizer de 2Cor? Friedrich Lang responde: “O tema que perpassa 2Co é a [pergunta pela] legitimidade do ministério apostólico de Paulo”⁷. Ora, se a legitimidade apostólica de Paulo precisa ser tematizada, deduz-se que está sendo questionada, talvez até negada. De fato, é isso que o próprio Paulo indica, ao longo da epístola. 2Cor se configura, por essa razão, como uma longa apologia⁸ de Paulo diante da Comunidade coríntia e contra aqueles que se opõem ao seu ministério⁹. Em Corinto, há pessoas que se escandalizam com a humildade e aparente fraqueza de Paulo, considerando-as indícios evidentes de que Paulo não é um “verdadeiro” apóstolo. A carta vai “fazer da necessidade uma virtude”¹⁰ e argumentar que a fraqueza de Paulo (que ele, em momento algum, nega) não “falsifica” sua autoridade apostólica, antes dela dá testemunho eloquente. Afinal: “Na necessidade e na provação diárias do apóstolo se revela sua [sc. de Paulo] união com o sofrimento de Jesus”¹¹. Dessa maneira, 2Cor é retroativamente associada a 1Cor¹²: as duas cartas estão unidas não somente por mesma autoria e mesmos destinatários, mas, em última análise, pelo “mesmo” assunto.

A fim de que se compreenda a argumentação de Paulo, em 2Cor, é útil um olhar sobre 1Cor 1-4. Ainda que seja indicado ler e interpretar toda 1Cor na perspectiva da mensagem da cruz sintetizada em 1Cor 1,18, fato é que, de forma concentrada, ela é apresentada no contexto da discussão a respeito das divisões existentes na Comunidade, conforme ocorre em 1Cor 1-4. De acordo com 1Cor 1,12, a Comunidade de Corinto está “rachada” em quatro “partidos”: “de Paulo”, “de Apolo”, “de Pedro”, e “de Cristo”. Paulo procura enfrentar e superar essa divisão por meio da “teologia da cruz”. Antecipado seja que, também em uma situação de conflito, no caso entre (partes de) a Comunidade e o próprio apóstolo, conforme pressuposta em 2Cor, Paulo igualmente recorre à mensagem da cruz como critério e instrumento de reconciliação. O partido “de Paulo” invoca o autor de 1Cor como seu “patrono”, pois fundou a Comunidade (cf. At 18,11) e batizou alguns dos seus membros (cf. 1Cor 1,14-16). Especialmente o batismo parece ter sido considerado elemento vinculante entre os respectivos “mestre” e “seguidores”. Depois de Paulo, o cristão alexandrino

⁷ LANG, Friedrich. *Die Briefe an die Korinther*. 17ª/2ª ed. Göttingen; Zurique: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994. Das Neue Testament Deutsch 7. p. 11. De forma similar DE BOOR, Werner. *Cartas aos Coríntios*. Trad. Werner FUCHS. 2ª ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2021. Comentário Esperança. p. 293.

⁸ Cf. a estrutura de 2Cor e o destaque à temática da apologia em NIEBUHR, 2020, p. 220 e POKORNÝ; HECKEL, 2007, p. 256.

⁹ A formulação procura levar em consideração que, a meu ver, os questionamentos contra Paulo não se originam do conjunto da Comunidade, mas apenas de uma parte dela.

¹⁰ Como se diz em alemão: “Aus der Not eine Tugend machen”.

¹¹ NIEBUHR, 2020, p. 221.

¹² Cf. DE BOOR, 2021, p. 293.

de origem judaica Apolo chegou a Corinto e reuniu seguidores em torno de si¹³. De acordo com At 18,24, Apolo era “eloquente e poderoso nas Escrituras”. Enquanto Paulo pode afirmar a seu próprio respeito que não lhe falta conhecimento, precisa admitir que não possui o dom da oratória (2Cor 11,6; cf. 2Cor 10,10). E: ao passo que Paulo percebe Apolo como seu aliado (cf. 1Cor 3,6-9), há pessoas na comunidade que tentam introduzir uma cunha que separe os dois missionários: especialmente na comparação com o dom que Apolo possui, Paulo deixa muito a desejar! O grupo “de Cefas”, como Paulo costuma denominar Pedro, parece ter consistido de pessoas provenientes do oriente do Império Romano que agiam “em nome” de Pedro. Imaginar que os “alguns” que se apresentam à comunidade com “cartas de recomendação” (2Cor 3,1) se refira “aos de Pedro” talvez não seja apenas exercício de especulação e fantasia. Novamente, Paulo parece precisar “transformar a necessidade em virtude”: ele não necessita de cartas de papel e tinta, pois a própria comunidade, fruto do seu ministério, é a recomendação que o apóstolo tem a apresentar (2Cor 3,2). De fato, porém, o argumento escancara “a solidão e o abandono que [Paulo] sofria”¹⁴. E, finalmente: “os de Cristo”. A rigor, não deveria haver divergência entre a mencionada facção e aquele que disse de si mesmo nada querer saber “a não ser Jesus Cristo”. A sequência do arrazoado de 1Cor 2,2, porém, insinua a diferença que separa Paulo dos “crísticos” de Corinto: “e este, crucificado”. Aparentemente, o “partido de Cristo” se julgava em tamanha conexão com o Senhor ressuscitado que, obviamente, estava acima das divergências existentes entre os demais grupos, pois não precisava estar vinculado a nenhum mestre humano. Se esse grupo deve ser caracterizado como docético, gnóstico ou de outra forma, pode ser discutido; o debate em torno dos dons (1Cor 12-14) e da ressurreição (1Cor 15) deve, em todo o caso, mirar especialmente essa parcela da comunidade. Em suma: Paulo se nega a ser líder de uma facção (“de Paulo”); por outro lado, defronta-se com a falta (1) de brilho comunicativo (que Apolo possuía), de (2) especial autorização (como tinham “os de Pedro”) e da (3) evidência da glória de Cristo em sua vida.

2Cor transita na confluência dessas três “correntes” que se abatem sobre o apóstolo. As já mencionadas passagens 2Cor 11,6 e 2Cor 3,1-2 respondem, à sua maneira, aos questionamentos que vêm ou poderiam vir dos grupos “de Apolo” e “de Pedro”. O que, porém, Paulo tem a retrucar aos “de Cristo”, admiradores do Senhor ressuscitado e glorificado? Novamente, a cruz. Enquanto, porém, 1Cor argumenta exclusivamente com base na cruz de Jesus de Nazaré, 2Cor destaca a trajetória sofridora do apóstolo como expressão de

¹³ Cf. DE BOOR, 2021, p. 20-21.

¹⁴ DE BOOR, 2021, p. 339.

fiel seguimento ao Senhor crucificado¹⁵. Em forma de tese, podemos resumir: “1Cor dá testemunho da cruz de Cristo¹⁶, enquanto 2Cor apresenta a cruz da pessoa cristã¹⁷”. Ambas as perspectivas da “teologia da cruz” formulada pelo apóstolo Paulo são inseparáveis, como o são os dois lados de uma mesma moeda. Enquanto, porém, a cruz de Cristo é única e irrepetível, a cruz que o apóstolo carrega é paradigmática e serve de modelo não somente a seus leitores coríntios, mas a todos os crentes de todos os tempos e lugares que se deixam inspirar pela mensagem apostólica¹⁸. Ao passo que 2Cor 4.10 conecta expressamente a fraqueza (“corpo”) de Paulo com o sofrimento de Cristo, outras passagens destacam as fragilidades, limitações, tribulações etc. do apóstolo, deixando a conexão com o sofrimento de Cristo mais ou menos implícita. A título de exemplo sejam mencionadas 2Cor 1,3-7.8-11; 2,4.13; 4,1.7-12.16-18; 5,1-5.13; 6.4-10; 7.3-4.5; 8,2; 10,10; 11,1.6.7.9.16-17.19.20.21.23-29.30¹⁹; 12,5.7-10.11-12(,21?); 13,4.²⁰ Para uma leitura canônica das epístolas de Paulo aos coríntios poderia-se sugerir 1Cor 1,18 e 2Cor 12,9 como pilares de sustentação para toda a correspondência entre o apóstolo e a comunidade de Corinto. À “mensagem da cruz [sc. de Cristo]” que é “poder de Deus” (1Cor 1,18), no início, corresponde o “poder de Deus” que “se aperfeiçoa na fraqueza [sc. de Paulo e de todos os seguidores de Cristo]” (2Cor 12,9), no final. Essa única tese de mão dupla confere unidade e organicidade ao conjunto de 1-2Cor.

2. 2Cor 3.18: um ponto fora da curva?

A tônica de 1-2Cor é dada, dissemos, pela “teologia da cruz”: em 1Cor, a cruz de Cristo; em 2Cor, de modo especial a cruz da pessoa cristã, ilustrada na existência cheia de fraquezas do apóstolo Paulo. Diante desse quadro geral, tanto mais chama a atenção a declaração apostólica, em 2Cor 3,18, que diz: “E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito”. Como entender? Estaria o apóstolo, na passagem citada,

¹⁵ Assim sendo, como obediência ao chamado de Cristo conforme anunciado em Mt 16.24; Mc 8.34; Lc 9.23.

¹⁶ Cf. nesse tocante POKORNY; HECKEL, 2007, p. 250-253.

¹⁷ Cf. POKORNY; HECKEL, 2007, p. 262-272.

¹⁸ O caráter paradigmático da cruz de Cristo não precisa ser negado. Os inúmeros testemunhos a respeito de uma “imitação de Cristo”, ao longo da história, são indício disso. No entanto, antes que a cruz de Cristo possa servir de “modelo” a ser “imitado”, precisa ser experimentada como “dom”, “dádiva” do Senhor crucificado. Como evento que confere a salvação aos que creem, a cruz de Cristo é única e irrepetível. Como exemplo de obediência a Deus, é modelo a ser imitado pelos seus seguidores.

¹⁹ 2Co 11.1-12.13 constitui a segunda apologia do apóstolo no decorrer da epístola (NIEBUHR, 2020, p. 220). POKORNY; HECKEL, 2007, p. 256, caracterizam o trecho 2Co 11.21b-12.10 como “discurso de louco”, descrevendo-o como “paródia sobre a vanglória dos adversários”.

²⁰ Cf. também 1Cor 1,13; 4,9-13; 7,26.28; 9,19.27; 10,13.

vislumbrando uma outra forma de pertencimento ao Senhor, que não carregue “no corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17), mas que seja expressão de um discipulado “glorioso”? Essa é a pergunta que o presente artigo se propõe responder.

Afirma o ditado popular que “texto sem contexto é pretexto”. Um primeiro passo na tentativa de contextualizar a afirmação apostólica de 2Cor 3,18 foi dado acima, onde destacamos a unidade temática das epístolas de Paulo aos coríntios em torno da cruz, de Cristo e da pessoa cristã. Agora, em um segundo momento, cabe restringir o contexto da passagem, para que se possa observá-la mais de perto.

Como a literatura tem destacado, 2Cor 3,18 se insere na (primeira) apologia de Paulo, que se encontra em 2Cor 2,14-7,4²¹. Stefanie Lorenzen define a temática desse “microcontexto” de 2Cor 3,18 como sendo: “O fraco Paulo como imagem espelhada da glória divina em Cristo”²². Ao assim fazer, Lorenzen relaciona a fraqueza do apóstolo, constatada ao longo da passagem, com a glória da qual o apóstolo e outras pessoas participam, descrita em 2Cor 3,18. A pergunta, porém, que se coloca é: como conjugar dois aspectos (aparentemente) antagônicos, como são fraqueza e glória? Em que sentido a fraqueza de Paulo pode ser expressão de glória, glória de Cristo?²³

Fato é: não apenas 2Cor 3,18²⁴, mas toda a perícope 2Cor 3,7-18 “é controvertida em sua mensagem”²⁵. Margaret Thrall interpreta o “ser

²¹ NIEBUHR, 2020, p. 220. LORENZEN, Stefanie: *Das paulinische Eikon-Konzept*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2008. WUNT II/250. p. 211-263 exclui 2Cor 6,14-7.1 como não pertencente à apologia. POKORNÝ; HECKEL, 2007, p. 256 identificam o final da apologia de Paulo já em 2Cor 6,10. Cf. LORENZEN, 2008, p. 213, a qual constata que a unidade temática de toda 2Co está posta com o motivo da “força na fraqueza”.

²² LORENZEN, 2008, p. 214.

²³ Já a respeito de 2Cor 2,14, onde Paulo afirma que “Deus [...], em Cristo, sempre nos conduz em triunfo”, Lorenzen alerta contra a tentação de interpretar o “triunfo” a partir de uma compreensão romana, visto que tal compreensão “contradiria a tendência de toda a epístola aos coríntios, [...] onde o apóstolo de contínuo destaca a sua fraqueza” (LORENZEN, 2008, p. 214-215).

²⁴ SCHMELLER, Thomas. *Der zweite Brief an die Korinther*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, Ostfildern: Patmos-Verlag, 2010. v. 1 (Evangelisch-katholischer Kommentar zum Neuen Testament; Bd. VIII/1). p. 194, 224: 2Cor 3,7-18 “coloca a interpretação diante de especiais dificuldades” e a compreensão de 2Co 3.18 enfrenta “problemas consideráveis”. Em suma: “Em muitos aspectos, a passagem [sc. 2Cor 3,7-18] permanece um mistério” (p. 194,232).

²⁵ POKORNÝ; HECKEL, 2007, 262. Também FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians*. Garden City: Doubleday & Co., 1984. The Anchor Bible v. 32A. p. 242 constata que se trata de uma “passagem extremamente complexa” (“exceedingly complex passage”). O presente artigo não tem a pretensão de analisar todas as questões que o versículo coloca, mas está focado em responder apenas à pergunta: o que é, em que consiste a “glória” da qual Paulo fala em 2Cor 3.18?

transformado” como um evento “progressivo”²⁶. Ela sugere que “talvez Paulo estivesse pensando em sua própria experiência de conversão [sc. em Damasco], na qual o Cristo ressuscitado apareceu a ele vestido de divino esplendor”²⁷. Paulo aplica essa experiência pessoal a todos os crentes (“todos nós”), de modo que pode concluir: “Vendo a Cristo, [os] crentes veem a glória *de Deus*”²⁸. O “espelho” que os crentes contemplam é o evangelho²⁹. O fato de Paulo falar de “contemplar” faz Thrall pensar na forma sacramental do evangelho, com destaque para a Ceia do Senhor. Pois, segundo ela, nem a glória que os crentes contemplam nem a glória na qual eles são transformados deve ser compreendida de modo apenas interior³⁰. O resultado final, ou seja, a “glória” *na qual* os fiéis são transformados pode ser contemplada em seu “estilo de vida” (“manner of life”³¹). Na avaliação de Thrall, a passagem não faz qualquer referência ao Cristo crucificado³².

Victor P. Furnish, por sua vez, constata, inicialmente, que 2Cor 3,18 “introduz uma ideia completamente nova em seu contexto”, quando afirma a “transformação dos crentes na imagem de Deus”³³. Ao mesmo tempo, destaca que “os temas dos versículos precedentes são tanto integrados como

²⁶ Cf. para o que segue THRALL, Margaret E. *A critical and exegetical commentary on the Second Epistle to the Corinthians*. Edinburgh: T & T Clark, 1994. V. 1. The International critical commentary. p. 282-290. De forma similar MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. Waco: Word Books, 1986. Word biblical commentary v. 40. p. 72: “Esse processo de ‘transformação’ [...] é gradual e progressivo” (cf. p. 74). Cf. SCHMELLER, 2010, p. 228; BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo I*. 1ª reimpressão. São Paulo: Loyola, 2017. Bíblica Loyola 4-5. p. 429. De acordo com Martin, os “crentes em Cristo vivem em uma nova era, onde ‘glória’ é vista no Filho do Pai e compartilhada entre aqueles que participam daquele éon [sc. a nova criação como nova era de salvação e justiça]” (MARTIN, 1986, p. 72; cf. p. 71). Ainda que se fale em “glória”, no presente, sua consumação é, na avaliação de Martin, esperada para o futuro. No conjunto, as explicações de Martin permanecem abstratas e, com isso, pouco elucidativas. Também SCHMELLER, 2010, p. 228 entende a referência de Paulo à glória dos crentes essencialmente como anúncio de algo que ainda está por vir. DE BOOR, 2021, p. 346-347 considera que a glória do ministério paulino é, sim, presente; será, no entanto, “manifesta perante os olhares de todos” “somente no futuro”.

²⁷ THRALL, 1994, p. 283.

²⁸ Itálico no texto.

²⁹ Assim também SCHMELLER, 2010, p. 226.

³⁰ Diferente é a avaliação de LANG, 1994, p. 276, que destaca exatamente o “contínuo processo de renovação do homem interior [...], na fé, pela união com Cristo”.

³¹ Da mesma maneira LANG, 1994, p. 276; SCHMELLER, 2010, p. 228. Que a “metamorfose”, porém, é afirmada na voz passiva (“somos transformados”), de modo que os crentes não são agentes, mas “pacientes”, receptores, beneficiários da glorificação, poderia, eventualmente, servir de alerta contra a interpretação sugerida pelos autores mencionados.

³² THRALL, 1994, p. 289: “Nor is there any allusion here to the crucified Christ”. Em sua explanação sobre 2Cor 3.11, MARTIN, 1986, p. 65 entende que “tais considerações [sc. a respeito da cruz de Jesus como superação de ‘todas as prévias concepções de glória’] dificilmente são relevantes neste ponto”.

³³ FURNISH, 1984, p. 238.

assimilados à nova afirmação”³⁴. Em seu comentário à passagem, Furnish levanta a questão que também norteia o presente texto: “como a mencionada transformação deve ser compreendida”? Depois de analisar paralelos da literatura helenística que conhecem a ideia de uma transformação do fiel mediante visualização da divindade, Furnish aponta para os paralelos judaicos e vincula o arrazoado paulino à Cristologia do apóstolo. Na avaliação de Furnish, “a transformação do crente em um novo ser possui perspectiva tanto presente quanto futura”. Na perspectiva presente, a transformação da qual Paulo fala tem em mente o “compartilhar os sofrimentos de Cristo”, ao qual também Fp 3,10 faz referência. Embora Fp 3,10 não pareça associar glória com cruz, tem, de qualquer modo, em comum com 2Cor 3,18 a ideia da “metamorfose” do crente na “semelhança” de Cristo em sua morte. Dessa maneira, Furnish introduz em sua interpretação de 2Cor 3,18 um aspecto que, a meu ver, é essencial para a correta compreensão da passagem: a percepção de que a glória da qual o apóstolo Paulo fala não pode ser compreendida à parte da cruz, mas somente como reflexo dela³⁵. Essa interpretação estaria, não por último, em maior consonância com o conjunto da epístola, que descreve um apóstolo fraco, sofrido, “crucificado”. Faltaria, no contexto da explicação de 2Cor 3,18, que Furnish explicasse o uso da metáfora do espelho³⁶. De certa forma antecipando as conclusões do presente artigo, vale, de qualquer modo, constatar que Furnish, em sua interpretação de 2Cor 4,7ss, ressalta que “o esplendor do evangelho é revelado no sofrimento dos seus servos [sc. mensageiros]” e que o evangelho anunciado por Paulo é “a palavra da cruz”³⁷. O presente texto busca demonstrar de que maneira a metáfora do espelho, usada por Paulo, é, em si mesma, transparente para uma interpretação cruciforme.

Enquanto um bom número de estudiosos compreende o “ser transformado de glória em glória”, em 2Cor 3,18, como (1) processo gradual que, tendencialmente, (2) possui caráter futuro, Lorenzen prefere – e o presente artigo vai se unir a ela – uma concepção que perceba a expressão “de glória em glória” não como afirmação de processo, mas como constatação de um contraste entre origem e alvo³⁸. Em lugar de uma espécie de “crescimento” na glória, sugerimos, aqui, a descontinuidade entre a “primeira” (sob Moisés) e a

³⁴ Cf. FURNISH, 1984, p. 238-245.

³⁵ DE BOOR, 2021, p. 355 – não por acaso – remete à compreensão joanina de “glória” e constata, na conjugação de 2Cor 3,18 com 2Cor 4,6: “a ‘glória de Deus’ pode ser vista justamente ‘no semblante de Jesus Cristo’, ou seja, no rosto daquele que foi ofendido, cuspidor, e que morre na cruz”.

³⁶ Metáfora essa que não aparece na tradução NAA (Nova Almeida Atualizada), mas está indicada no texto grego. Cf. as traduções sugeridas pelos comentários.

³⁷ FURNISH, 1984, 247-248.

³⁸ Cf. LORENZEN, 2008, p. 228.

“segunda”, definitiva glória (em Cristo). Além disso, Lorenzen preconiza uma compreensão presente da glória da qual fala o apóstolo e pergunta, ao mesmo tempo, pela “expressão somática” da imagem de Cristo naqueles que a refletem³⁹. Segundo Lorenzen, o apóstolo Paulo descreve uma “transformação por visualização”, em que “a glória do Senhor é vislumbrada no espelho”, de modo que o “rosto descoberto” dos crentes “é transformado nessa mesma imagem espelhada”⁴⁰. Lorenzen não entra em detalhes a respeito do “fenômeno” – no sentido do verbo grego *phainō*⁴¹, “aparecer” ou, na voz média, “tornar-se visível” – da glória divina, ou seja, não descreve a glória que é vista e refletida pelos crentes, mas, de qualquer modo, constata um processo de identificação entre aquilo que é visto e aquele que vê. Nosso interesse consiste exatamente nessa descrição, isto é, em identificar o *tertium comparationis* da metáfora da glória divina que é vista “como em um espelho” e que transforma quem a visualiza, num processo de identificação entre imagem visualizada e pessoa crente que a vê.

3. 2Cor 3.18 como parte integral da “teologia da cruz” de Paulo

Temos visto, até aqui, como, por um lado, uma parte da literatura exegética em torno de 2Co 3,18 se deixa levar pela referência do apóstolo à glória a uma interpretação que distancia o versículo da mensagem da cruz que caracteriza as duas epístolas paulinas aos coríntios. Por outro lado, há os que bem percebem a necessidade de interpretar 2Cor 3,18 de forma integrada ao contexto epistolar em que a passagem se encontra. O presente artigo se associa a essa segunda tendência. Aqui cabe acrescentar à interpretação estaurológica da “glória do Senhor” uma adequada interpretação da metáfora do espelho utilizada na passagem.

A glória que os crentes veem “como em um espelho” e na qual eles mesmos são transformados é a glória paradoxal do Cristo crucificado. Os adversários de Paulo acham que precisam constatar ausência de glória no apóstolo. Este, por sua vez, pondera e argumenta que, na verdade, não é a ele que falta *doxa*, mas são seus oponentes que carecem de uma compreensão adequada de “glória”.

É neste ponto que, a meu ver, se mostra aquilo que alguns denominam de “pointe”, o “xis da questão” relativamente à metáfora da imagem vislumbrada “como em um espelho”. Pois, sabidamente, o espelho reflete uma imagem invertida: esquerdo parece ser direito e direito vira esquerdo na imagem. “Vocês [sc. possivelmente apenas uma parte da comunidade de Corinto] me

³⁹ LORENZEN, 2008, p. 214.

⁴⁰ LORENZEN, 2008, p. 227-228.

⁴¹ Transliteração de vocábulos gregos segue COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 2703-2733.

acusam de não refletir a glória de Cristo?”, pergunta Paulo. “Nada mais incorreto”. “Eu bem que reflito a glória de Cristo, mas essa não é uma glória correspondente aos padrões usuais vigentes por aí, mas é glória ‘sub contrario’, paradoxal, é a glória do Cristo crucificado”. Essa glória “ao contrário” se reflete de forma somática na pessoa, no corpo e no ministério do apóstolo, nas suas fraquezas, limitações e mesmo fracassos⁴².

Essa interpretação de 2Cor 3,18 pode ser aplicada, de modo similar, a 2Cor 4,4, com sua referência à “glória de Cristo, que é a imagem de Deus”. A glória de Cristo é a glória do crucificado. E a glória do ressuscitado segue sendo a glória do crucificado, como também o atesta o relato joanino da manifestação de Cristo a Tomé, que reconhece seu “Senhor e Deus” pelas marcas nas mãos e no lado (Jo 20,24-29)⁴³.

A metáfora do espelho é aplicada, ainda, uma última vez, em 2Co 4,6, onde Paulo conclui seu uso, quando afirma: “Porque Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo”. A “face de Jesus Cristo” é a expressão daquele “de quem os homens escondem o rosto” (Is 53,3b), mas que, agora, é vista por aqueles que nele creem.

Enquanto 2Cor 3,7-4,6 destacam “a glória do ministério apostólico”, ainda que “paradoxal”⁴⁴, em 2Cor 4,7-5,10 o apóstolo irá ressaltar a humildade do seu serviço. Que a reflexão de Paulo sobre a fragilidade dos servos de Cristo seja introduzida, em 2Cor 4,7, com a conjunção adversativa “porém”⁴⁵, poderia induzir a imaginar que o apóstolo esteja insinuado uma oposição entre a glória de Cristo, de um lado, e a humildade do mensageiro, de outro. Caso tal oposição necessite ser postulada, uma interpretação da glória de Cristo na perspectiva da cruz, como proposta aqui, precisaria ser seriamente questionada. No entanto, indica a literatura especializada que a conjunção grega *de* não carece de ser necessariamente compreendida em sentido adversativo, mas pode

⁴² Se o “espelho” é o evangelho, a eucaristia ou outro, parece, neste caso, não ser relevante para o uso da metáfora que Paulo faz. A meu ver, também a avaliação de que a figura do espelho aponta para o caráter mediado da manifestação da glória (cf. LORENZEN, 2008, 229) extrapola o escopo da metáfora conforme usada por Paulo. Enquanto 1Cor 13,12 contrasta o conhecimento provisório atual “como num espelho” com o conhecimento pleno a ser manifestado “depois” “face a face”, em meu entender mesmo esse aspecto não parece interessar o apóstolo, em 2Cor 3,18 (diferente LANG, 1994, p. 276).

⁴³ Cf. WILCKENS, Ulrich. *Das Evangelium nach Johannes*. 17ª/1ª ed. Göttingen; Zurique: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998. *Das Neue Testament Deutsch* 4. p. 314-318. Cf. ainda WILCKENS, 1998, p. 191 (“‘glorificação’ coincide com a crucificação de Jesus”; sobre Jo 12,23). p. 261 (sobre Jo 17,1).

⁴⁴ LANG, 1994, p. 279.

⁴⁵ 2Cor 4,7: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que a excelência do poder provém de Deus, não de nós”.

ser traduzida por “e”, indicando uma conexão⁴⁶ entre diferentes afirmações. Exatamente esse parece ser o caso em 2Cor 4,7: a partícula grega *de* não expressa uma oposição – lá, a glória; aqui, a humildade –, mas serve apenas para ligar as diversas partes de um mesmo raciocínio: a glória da qual Paulo fala se manifesta em humildade; a humildade com a qual ele, Paulo, se apresenta é expressão da glória que lhe foi concedida. Mais indicado seria, pois, ignorar a partícula e traduzir: “Temos este tesouro em vasos de barro” etc. Ainda melhor: “E temos este tesouro em vasos de barro” etc.

4. Uma nota de rodapé: Êx 33-34 como pano de fundo de 2Cor 3,7-18

Paulo é mensageiro do evangelho de Cristo, da “palavra da cruz”, e, enquanto tal, também intérprete da Escritura Sagrada; no seu caso, daquilo que entrementes na Igreja Cristã se convencionou denominar de Antigo Testamento. Sua qualificação, em tradição farisaica, o apóstolo recebeu junto a Gamaliel I, em Jerusalém⁴⁷.

Em 2Cor 3,7-18 (e 4,1-6), Paulo apresenta, como em outras ocasiões, uma “prova escriturística” do argumento que defende diante de seus leitores coríntios. Como um olhar à margem do texto grego⁴⁸ indica, na passagem em questão Paulo argumenta em favor da sua autoridade apostólica com base na história da transfiguração do rosto de Moisés junto ao monte Sinai. Essencialmente, a passagem se reporta ao trecho Êx 34,29-35⁴⁹. Ao descer do monte Sinai, depois de ter, pela segunda vez, recebido as duas tábuas da lei divina, Moisés não percebe que seu rosto resplandece. Arão e o povo o percebem, e temem se aproximar de Moisés. Moisés os chama e os instrui na lei do Senhor. A seguir (alguém o alertou para o rosto resplandecente?), Moisés

⁴⁶ Cf. BAUER, Walter. *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 6. völlig neu bearbeitete Aufl. Hg. von Kurt ALAND und Barbara ALAND. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. col. 342, que expressamente arrola 2Cor 4,7 entre os exemplos de uso da conjunção como “partícula de transição, sem qualquer oposição perceptível”. Assim também BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. Bearbeitet von Friedrich REHKOPF. 17. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. p. 376-378 (§ 447); HOFFMANN, Ernst G.; von SIEBENTHAL, Heinrich. *Griechische Grammatik zum Neuen Testament*. 2. durchgesehene und ergänzte Aufl. Riehen/CH; Immanuel, 1990. p. 440-441 constata um frequente uso copulativo da partícula.

⁴⁷ Cf. STUHLMACHER, Peter. *Vom Verstehen des Neuen Testaments*. Eine Hermeneutik. 2ª ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986. (Grundrisse zum Neuen Testament 6). p. 66-74.

⁴⁸ Cf. *Novum Testamentum Graece*. Criado por Eberhard e Erwin NESTLE. 28ª ed. rev. 6ª impressão corrigida. Ed. por Barbara e Kurt ALAND, Johannes KARAVIDOPOULOS, Carlo M. MARTINI, e Bruce METZGER. Publicado pelo Instituto de pesquisa neotestamentária em Münster/Vestfália sob a coordenação de Holger STRUTWOLF. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2020. p. 559-560.

⁴⁹ Cf. a explicação de 2Cor 3,7-18 nos comentários arrolados na bibliografia que consta no final deste artigo.

cobre a face, descobrindo-a, de novo, somente quando vai conversar com Deus, na tenda do encontro que está fora do arraial de Israel (cf. Êx 33,7-11). Quando Moisés deixa a presença de Deus e volta para junto do povo, cobre novamente o rosto, e assim sucessivamente. Paulo recorre a esse texto para ilustrar e explicar por que há pessoas que não compreendem – como se tivessem um véu a cobrir seu coração – a mensagem apostólica.

Como Niebuhr⁵⁰, no entanto, bem demonstra, parece ser insuficiente se os comentários restringem a Êx 34,29-35 o pano de fundo bíblico-teológico a ser observado na interpretação do raciocínio de Paulo. Mais adequado deve ser um olhar para o conjunto dos capítulos Êx 33-34. Pois a temática do Senhor que “falava com Moisés face a face” (Êx 33,11) perpassa ambos os capítulos.

Se, por um lado, Êx 33,11 afirma e Êx 34,34 subentende que Moisés falava “face a face” com Deus, por outro lado Êx 33,20 declara expressamente que Moisés “não pode ver a” face do Senhor, “porque ninguém verá a minha [sc. de Deus] face e viverá”. E agora: Moisés pode ou não pode ver a face do Senhor? Aparentemente, enquanto para um dos redatores bíblicos a dignidade do “homem de Deus” Moisés é tão elevada que ele pode falar com Deus face a face, um outro (ou o mesmo?)⁵¹ percebe o quão inaudita seria tal dignidade, mesmo para Moisés, de maneira que precisa lhe negar esse direito. Os antigos tradutores do texto bíblico deixam ambas as perspectivas lado a lado.

A julgar por Êx 33,18.22-23, a face é a expressão da glória do Senhor. Temos, aqui, dois elementos que também aparecem no arrazoado paulino (cf. 2Cor 4,6)⁵². Que seria, porém, se não procedêssemos a tal identificação? Moisés quer ver a glória de Deus; este, por sua vez, nega a Moisés a visão do rosto, mas não necessariamente da glória. Êx 33,22 diz expressamente que a glória irá passar diante de Moisés. Se Deus nega a seu servo a visão do rosto, concedendo a ele apenas a visão das costas, não seria o caso de concluirmos: Moisés viu a glória de Deus – pelas costas?!⁵³

⁵⁰ Cf. NIEBUHR, 2020, p. 227-228.

⁵¹ ALBERTZ, Rainer. *Religionsgeschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. (Grundrisse zum Alten Testament 8) v. 1: Von den Anfängen bis zum Ende der Königszeit. p. 89 associa Êx 33,1-3a,5-34,10.28-29 a uma composição pré-sacerdotal (deuteronomista), enquanto Êx 34,29ss pertenceria à composição sacerdotal (que a pesquisa crítica do Antigo Testamento se acostumou a designar de “P”). Para o uso deste artigo, interessa apenas a forma “canônica” (em hebraico e/ou grego) que Paulo usava e que essencialmente corresponde ao texto bíblico como nós o conhecemos.

⁵² Cf. as análises de LORENZEN, 2008, p. 247-252 sobre as relações semânticas entre “imagem, glória e espírito”, “imagem e rosto/face” e “imagem e corpo”.

⁵³ Também NOTH, Martin. *Das zweite Buch Mose*. 4. Aufl. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968. (Das Alte Testament Deutsch 5). p. 212 admite que, embora apenas de forma parcial, a visão do dorso divino ainda é constituída de glória.

Bem sabendo do caráter hipotético e até especulativo do que aqui é proposto, ousou levantar a pergunta: é possível excluir a possibilidade de Paulo, ao recorrer à metáfora do espelho, que reflete a imagem invertida, estar, à sua maneira, interpretando Êx 33,22? Moisés viu a glória de Deus “pelas costas”; os crentes do Novo Testamento veem a glória no rosto de Cristo, mas essa glória é uma glória invertida, “sub contrario”, como se fossem “as costas” de Deus. Dessa maneira, finalmente, também Paulo preserva a tensão entre o “ver” e o “não ver” de Moisés, que na vida da Igreja se apresenta na forma de um condicional escatológico: “já” vemos a glória divina, no rosto de Cristo, “as costas” de Deus; ao mesmo tempo, “ainda não” vemos a glória escatológica que está por vir.

Observações finais

Com base nos diversos contextos em que 2Cor 3,18 está inserida, o presente artigo interpretou o mencionado versículo como expressão e articulação da mensagem da cruz com a qual Paulo está comprometido. O pano de fundo veterotestamentário de Êx 33-34 bem como o pertencimento da passagem à apologia apostólica 2Cor 2,14-7,4 e ao conjunto de 1-2Cor sustentam que 2Cor 3,18 não configura uma espécie de “ponto fora da curva” em tensão com o conjunto do pensamento paulino, mas constitui adequada ilustração do argumento estauroológico desse mensageiro de Cristo crucificado. A interpretação da metáfora do espelho, conforme acima sugerida, parece ser a que melhor se coaduna com a intenção de Paulo e com o conjunto da sua pregação.

Extrapolaria a proposta deste texto, se ainda entrássemos no mérito da plausibilidade ou não daquilo que Paulo propõe. Constatamos que, no embate com os partidários de Apolo, Paulo “faz da necessidade uma virtude”, ao dar a entender que sua limitação retórica não “falsifica” sua autoridade apostólica, mas, pelo contrário, é legítima expressão do seu pertencimento a Cristo. De forma similar, Paulo argumenta com os seguidores de Pedro e sugere que não necessita, como aqueles, de especiais cartas de recomendação, pois a comunidade de Corinto é a única recomendação que Paulo precisa. E, finalmente: contra os partidários “de Cristo” glorificado, Paulo, uma terceira e última vez, recorre ao argumento que sugere que sua limitação – neste caso, falta de “glória” – não é defeito, mas, na perspectiva do evangelho, virtude. Diante desse quadro, impõe-se a pergunta: seria Paulo apenas uma espécie de sofista, que sabe torcer as coisas da maneira que lhe é conveniente? Ou, então, se não quisermos atribuir a ele uma falsa esperteza, seria ele uma espécie de masoquista, “tarado” pelo sofrimento? Que as epístolas de Paulo aos coríntios foram incluídas no cânon neotestamentário e, assim, integradas ao conjunto de textos considerados sagrados pelo Cristianismo, sugere que, no longo prazo,

tanto a honestidade intelectual quanto a integridade moral e a sanidade mental de Paulo tenham sido consideradas como existentes. Mais que isso: foram consideradas como legítimo testemunho de Cristo, a ser anunciado e vivido por todos aqueles que, desde então, se propõem a seguir àquele Senhor Jesus Cristo “que morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4).

A história da Igreja, repetidas vezes, trouxe à luz adeptos de uma “teologia da cruz”, mais ou menos inspirada no apóstolo Paulo. O místico João Tauler⁵⁴ e Martin Lutero podem ser mencionados como exemplos clássicos. Mas também tempos mais recentes se interessaram pela temática⁵⁵. Por outro lado, os críticos igualmente se fizeram ouvir, dos quais o filho de pastor luterano Friedrich Nietzsche deve ser um dos mais proeminentes⁵⁶. À Teologia cristã cumpre a tarefa de dialogar com a inspiração que vem do apóstolo e de seus seguidores, ao longo da história, sem ignorar os questionamentos que céticos, mas também crentes, sempre de novo, formularam.

Referências

ALBERTZ, Rainer. *Religionsgeschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. 2 v. (Grundrisse zum Alten Testament 8)

BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo I*. 1ª reimpressão. São Paulo: Loyola, 2017. Bíblica Loyola 4-5

BAUER, Walter. *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 6. völlig neu bearbeitete Aufl. Hg. von Kurt ALAND und Barbara ALAND. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

Bíblia Sagrada. Nova Almeida Atualizada. Trad. João Ferreira de ALMEIDA. Ed. rev. e atualizada. 3ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

⁵⁴ Cf. LEPPIN, Volker. Art. Tauler. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001. v. XXXII: Spurgeon – Taylor. p. 745-748.

⁵⁵ Cf. apenas MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, [1972] 2020; WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

⁵⁶ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. Der Antichrist: Fluch auf das Christentum. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Lesefassung mit einleitendem Kommentar. Editiert und für den Gebrauch als E-Book bearbeitet von Siegfried KÖNIG. S.l.: Siegfried König, 2013. Edição do Kindle. p. 2149-2211. Como síntese da crítica de Nietzsche ao Cristianismo, em especial a Paulo, pode servir a seguinte citação extraída do 2º aforismo: “Was ist gut? – Alles, was das Gefühl der Macht, den Willen zur Macht, die Macht selbst im Menschen erhöht. Was ist schlecht? – Alles, was aus der Schwäche stammt” (“O que é bom? – Tudo que provém do sentimento do poder, do desejo pelo poder, o poder que, ele mesmo, eleva o ser humano. O que é mau? – Tudo que é oriundo da fraqueza”).

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. Bearbeitet von Friedrich REHKOPF. 17. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2 v.

DE BOOR, Werner. *Cartas aos Coríntios*. Trad. Werner FUCHS. 2ª ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2021. Comentário Esperança

FURNISH, Victor Paul. *II Corinthians*. Garden City: Doubleday & Co., 1984. The Anchor Bible v. 32A

HOFFMANN, Ernst G.; von SIEBENTHAL, Heinrich. *Griechische Grammatik zum Neuen Testament*. 2. durchgesehene und ergänzte Aufl. Riehen/CH; Immanuel, 1990.

LANG, Friedrich. *Die Briefe an die Korinther*. 17ª/2ª ed. Göttingen; Zurique: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994. Das Neue Testament Deutsch 7

LEPPIN, Volker. Art. Tauler. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001. v. XXXII: Spurgeon – Taylor. p. 745-748.

LORENZEN, Stefanie: *Das paulinische Eikon-Konzept*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2008. WUNT II/250

MARTIN, Ralph P. *2 Corinthians*. Waco: Word Books, 1986. Word biblical commentary v. 40

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, [1972] 2020.

NIEBUHR, Karl-Wilhelm. Die Paulusbriefsammlung. In: NIEBUHR, Karl-Wilhelm (ed.). *Grundinformation Neues Testament*. Eine bibelkundlich-theologische Einführung. Em colaboração com Michael BACHMANN et al. 5ª ed. retrabalhada e atualizada. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2020. UTB 2108. p. 193-287.

NIETZSCHE, Friedrich. Der Antichrist: Fluch auf das Christentum. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Lesefassung mit einleitendem Kommentar. Editiert und für den Gebrauch als E-Book bearbeitet von Siegfried KÖNIG. S.l.: Siegfried König, 2013. Edição do Kindle. p. 2149-2211.

NOTH, Martin. *Das zweite Buch Mose*. 4. Aufl. Goettingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968. (Das Alte Testament Deutsch 5).

Novum Testamentum Graece. Criado por Eberhard e Erwin NESTLE. 28ª ed. rev. 6ª impressão corrigida. Ed. Barbara e Kurt ALAND, Johannes KARAVIDOPOULOS, Carlo M. MARTINI, e Bruce METZGER. Publicado pelo Instituto de pesquisa neotestamentária em Münster/Vestfália sob a coordenação de Holger STRUTWOLF. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2020.

POKORNÝ, Petr; HECKEL, Ulrich. *Einleitung in das Neue Testament*. Seine Literatur und Theologie im Überblick. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.

SCHMELLER, Thomas. *Der zweite Brief an die Korinther*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, Ostfildern: Patmos-Verlag, 2010. v. 1 (Evangelisch-katholischer Kommentar zum Neuen Testament; Bd. VIII/1).

STUHLMACHER, Peter. *Biblische Theologie des Neuen Testaments*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. v. 1: Grundlegung; Von Jesus zu Paulus

STUHLMACHER, Peter. *Vom Verstehen des Neuen Testaments*. Eine Hermeneutik. 2ª ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986. (Grundrisse zum Neuen Testament 6)

THRALL, Margaret E. *A critical and exegetical commentary on the Second Epistle to the Corinthians*. Edinburgh: T & T Clark, 1994. V. 1. The International critical commentary

WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

WILCKENS, Ulrich. *Das Evangelium nach Johannes*. 17ª/1ª ed. Göttingen; Zurique: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998. Das Neue Testament Deutsch 4.

Submetido: 31/03/2025

Aprovado: 09/07/2026